

PARASHÁ TERUMÁ

"Fala aos filhos de Israel e separem para mim uma oferenda; de todo homem cujo coração o impelir a isso, tomareis Minha oferenda" (Shemot 25:2)

Assim começa a Parasha desta semana, Teruma. Deus pede ao povo que levem oferendas e, depois, que construam um Mishkan, um santuário onde seriam guardadas as tábuas da lei. O restante da parasha consiste de uma descrição detalhada de Deus ao povo sobre como deveriam ser estes elementos, os tecidos, as cores, as medidas, os adornos, a Menorá, cada nuance é explicada de forma meticulosa e objetiva.

Por que é solicitado ao povo que construa um tabernáculo? O próprio Moshe questiona isso, de acordo com o Midrash Shemot Rabbah 34:1, quando pergunta a Deus como, com toda a sua glória e onipresença, Deus quis para morar apenas um pequeno tabernáculo. A isso, Deus lhe responde que pode contrair sua presença aos menores espaços. O que era importante naquele momento é que Deus fosse acessível, que o povo sentisse a sua presença. Ou seja, o Mishkan foi feito não para Deus, mas sim para o ser humano. Para que o ser humano se eleve e se perceba como parte de um coletivo, parte do povo. Afinal, a construção foi feita de forma coletiva e voluntária, por aquele cujo "coração o impelir" a contribuir para o grupo.

Existe uma frase que diz que "casa é onde nosso coração está", que pode se aplicar a esta Parasha. "E me farão um santuário e morarei entre eles." (Shemot 25:8) 'Shachanti betocham', e não betocho - Morarei entre eles e não nele. Deus moraria entre eles, os homens, e não nele, no santuário. O Mishkan representou a presença divina porque o povo pôs ali seu coração e seu esforço. Assim como para nós, no Dror, a Tnuá é casa, pois nós a construímos e nossos corações estão ali. Nesse ano, em que o [Habonim Dror Porto Alegre](#) voltará pra sua casa, que o Habonim Dror Snif we Rio arrecadou fundos para se manter em casa, que o [Drorzinho Salvador](#) ganhou um novo espaço, além de tantos outros snifim que são como casas pelo Brasil, o esforço de fazer da tnuá nossa casa deve ser valorizado. Nossos corações nos impelem a construir a Tnuá, e apenas por isso o fazemos.

Existem diversas reproduções de como deve ter sido o Mishkan, com base nas instruções detalhadas presentes nessa Parasha. Não há vestígios arqueológicos, ele foi destruído. Um dos únicos elementos descritos naquele trecho que ainda existe é a Menorah. Apesar da linguagem objetiva, porém, há debates e visões distintas sobre como deve ser a menorah. O próprio Moshe não entende de primeira e Deus lhe mostra um modelo ("E vê e faze-o conforme seu modelo" Shemot 25:40), a Menorah representada no Arco de Tito é diferente da descrição da Torá, e tanto Rashi quanto Maimonides escreveram sobre como achavam que deveria ser a Menorah.

Interessa à Torá não dar margem a dúvidas? Talvez essas descrições exatas e "à prova de erros" só valham para aquilo que não existe mais, como o Mishkan. A Menorah foi adaptada, relida. As vestimentas, os costumes, a Halachá, tem sido reinventadas e interpretadas ao longo dos séculos, desde os sábios do Talmud até os dias de hoje. O próprio Judaísmo está em constante construção, e esta é sua essência, dar sentido à continuidade entre as gerações. Afinal, tudo o que é vivo muda. O Judaísmo muda, a Tnuá muda, o ser humano muda, eu mudo, você muda, e é por isso que somos quem somos.

Ale VeHagshem

Felipe Kaufman Gorodovits